## Capítulo 1

Não sinto orgulho de roubar, mas também não tenho vergonha.

Tenho meus limites e posso soar hipócrita, mas não pego coisas que prejudiquem alguém.

Isso não.

Meu pai já alertou a mim e aos meus irmãos sobre o perigo de seguir por esse caminho e também nos explicou o porquê é errado roubar e que, se nos pegarem, vamos estar ferrados, porque somos pobres e *blá, blá, blá*. No entanto, esse sermão não funciona comigo. Minha necessidade de furtar sempre fala mais alto. Mesmo sabendo que é algo desprezível aos olhos da minha família.

Modéstia à parte, sou excelente no que faço e não vou ser pega. Minha discrição é o suficiente para que ninguém saiba sobre as minhas rotinas, ou aqueles ladrõezinhos de merda da minha favela, que pensam mandar lá, iriam querer que eu trabalhasse para eles.

Não sei dizer com precisão em que momento comecei a sentir uma necessidade de roubar, mas foi o desafio que me motivou. Por volta dos meus quatorze anos de idade comecei a propor desafios mentais do tipo: "Duvido que você consiga roubar aquela banca de jornal com o policial ao lado". Eu ia lá e provava para mim mesma que conseguia. Sem perceber, isso virou quase um vício.

Posso dizer que em apenas três anos virei profissional no que faço e nunca fui pega.

As ruas estão movimentadas, os carros apressados não esperam os pedestres retardatários terminarem de atravessar a faixa, buzinas estridentes das motos, que se movimentam em ziguezague entre os carros, soam para todos os lados. As pessoas se acotovelam por mais espaço na calçada enquanto outros se espremem entre uma loja e outra. E eu? Bem, eu me maravilho com toda essa distração que uma multidão oferece.

Não sou idiota de andar com roupas estereotipadas e de manter uma postura suspeita. As pessoas sempre esperam um estilo certo daqueles que venham a ser ladrões, o que me ajuda bastante a me misturar.

Meu cabelo é castanho escuro com fios rebeldes que descem até o meio das minhas costas. Ele é minha arma do disfarce quando entro em lojas com câmeras. Meus olhos são grandes demais e, infelizmente, a cor é a sem graça dos meus cabelos. Meus lábios, embora carnudos, não são desenhados em um formato perfeito de coração como os da minha irmã.

Mas em algo eu deveria ter dado sorte e foi com relação ao meu nome. Com três irmãos mais velhos e uma irmã mais nova, fico realmente em vantagem por ter sido a única filha que recebeu o nome francês em homenagem à família do meu pai: Isabelle.

Caminho sem pressa por entre pessoas agitadas, que andam apressadas de uma direção a outra, imersas em seu próprio mundinho particular, provavelmente algumas preocupadas que não conseguirão chegar a tempo para ver o que está em liquidação em tal loja, outras preocupadas com o ônibus que partirá com ou sem a sua presença. Cada um tem seus motivos para se apressar em um centro comercial, assim como tenho o meu para minha calmaria.

O cheiro de fumaça, que sai pelos carburadores dos carros, toma conta do ar. A sujeira, que as pessoas e os automóveis deixam em seu rastro, também está visível para todos os lados das ruas. A gritaria de um vendedor, ansioso para conquistar mais um cliente para sua loja, disputa espaço entre os outros sons que poluem a cidade. Ele tenta convencer as pessoas de que elas possuem uma necessidade da qual ainda não se deram conta. Alguns acreditam, outros passam direto.

Os cachorros pulguentos e, às vezes alguns até mesmo maltratados, andam a esmo apenas seguindo seu instinto animal para encontrar o alimento que saciará sua fome, ou o carinho de alguém que nem sequer nota sua presença.

E em meio a isso tudo me encontro andando em busca do alvo perfeito.

Paro em frente a uma boutique e finjo interesse enquanto olho através da sua vitrine. É tudo muito lindo, mas nada chama minha atenção. Até que uma mulher e sua filha param ao meu lado e começam a discutir sobre as roupas expostas.

Foi por esse momento que saí de casa e, ansiosa, o aguardava: o desafio de pegar algo sem ser notada. A bolsa da mais velha desperta o meu interesse e sinto o desejo pulsando em minhas veias e a palma da minha mão formigando. É essa a sensação que me domina antes de um roubo e que não consigo controlar até ter o objeto desejado seguro em minhas mãos.

As duas estão distraídas com a loja e não notam que as observo como um leão avalia sua presa. Inalo o ar poluído e o prendo por dez segundos. Acalmo minha ansiedade e ativo todos meus sinais de alerta para poder saciar minha necessidade com sucesso.

Com todos meus movimentos calculados previamente, pesco de forma rápida, mas precisa, uma bolsinha de maquiagem, preta e pequena. O prazer é indescritível, mas reprimo o sorriso de vitória até que eu esteja segura novamente entre o mar de gente.

Somente quando retorno para a segurança que a multidão oferece é que avalio o que consegui furtar: maquiagens e objetos de higiene pessoal. Pego um batom rosa claro muito lindo e então me permito sorrir. Sim, é algo que eu quero e que a falta não vai prejudicar a antiga dona. Porém, é um batom de uma marca caríssima. — Me dei bem.

Guardo apenas esse objeto no bolso da calça e descarto o restante no lixo mais próximo.

Ludi, minha irmã mais velha, onze meses para ser mais exata, ama maquiagem e essas coisas de meninas. Ela vai adorar ganhar de presente o batom em seu aniversário, que será semana que vem.

Continuo caminhando sem rumo, quando avisto um estabelecimento de relíquias e antiguidades no final da rua. Por

alguma razão, que não consigo identificar, ela desperta meu interesse.

Direciono meu trajeto para lá e percebo que a rua nesse local é mais vazia e que a loja em si não está aqui com o propósito de chamar a atenção, o que é irônico. Ela parece querer passar despercebida pelas pessoas, assim como eu. Talvez seja por isso que a notei e senti que ali posso encontrar aquela atração que procuro.

Entro na loja e um sino alerta minha entrada — nem pensava que essas coisas ainda existiam, mas como estou em um estabelecimento que vende antiguidades percebo que faz todo o sentido esse objeto ser o "alarme".

O cheiro de mofo e velhice impregna o ar de uma forma quase sufocante. Embora a loja esteja entulhada de móveis e objetos antigos, estes estão todos expostos de forma organizada nas estantes, prateleiras e mesas espalhadas por cada espaço disponível da loja. E a luz é parca, o que dá um ar misterioso.

Noto uma mesa cheia de quinquilharias: um porta-joias pequeno, daqueles que já vi em filmes; relógios descansando em caixas de madeira; xícaras com a borda lascada... Tanta coisa atrai minha atenção que não consigo reparar por muito tempo em um único objeto.

É como se eu tivesse encontrado meu parque de diversão!

 Posso ajudá-la? — Um senhor pergunta às minhas costas, o que me faz dar um pulo de susto.

Geralmente não sou distraída. Em um ambiente consigo notar rapidamente onde cada pessoa está e prever um pouco os movimentos que elas farão — o que me dá uma boa perspectiva do espaço a minha volta. Mas pela primeira vez fiquei tão distraída com o lugar ao meu redor que ignorei minha primeira regra: mapear toda a área antes de adentrá-la.

Viro e me deparo com um senhor de idade avançada e magro. Seu cabelo é desgrenhando, despontado para todos os lados, escuro na raiz e branco nas pontas. Eu o definiria como uma pessoa um tanto quanto... esquisita. Provavelmente quer vender a imagem de um ser místico para impressionar os clientes, mas isso não funciona comigo.

- Só olhando, obrigada.
  Dispenso sua ajuda e me preparo para sair da loja, mas paro quando algo desperta minha curiosidade.
- Esse diadema pertenceu a Hortense de Beauharnais, membro da família imperial francesa. Ela foi casada com Luís I, rei da Holanda, e irmão do Napoleão Bonaparte, e foi mãe do imperador Napoleão III de França. Esse é seu presente de casamento dado por seu marido e utilizado por ela na cerimônia religiosa. Uma verdadeira joia rara. O velho recita com certo fervor o texto decorado que continha as informações da joia mais exuberante e imponente que já vi em toda a minha vida.

Em uma redoma de vidro está uma tiara que brilha tanto que quase sinto vontade de fechar os olhos para protegê-los. É a única coisa da loja que possui uma luz radiante ao invés da bruxuleante. Não faço ideia do que sejam essas pedras azuis e brancas, que parecem os brilhos das estrelas incrustadas por toda sua extensão, de uma ponta até a outra. Talvez a Ludi soubesse dizer o que são. Mas de uma coisa eu sei: não acredito em uma palavra desse velho. Se esse diadema que, pertenceu a sei lá quem das quantas, fosse mesmo autêntico, esse velho estaria nadando em rios de dinheiro agora, não em uma loja mofada no fim da rua.

- Vinte e quatro Safiras, mil e oitenta e três diamantes. Feita de ouro branco.
   O velho continua seu discurso.
- Aham resmungo quando na verdade gostaria de dizer: "E eu sou o coelhinho da páscoa".

Deve ser uma bijuteria muito bem-feita e que ele vai conseguir vender rapidinho. Mas, para isso, primeiro alguém precisaria entrar nessa loja, o que parece estar bem longe acontecer.

— Não está à venda. Mas todo o restante da loja sim. — Se eu não fosse tão cética, acreditaria que esse velho consegue ler pensamentos. Mas é muita idiotice pensar isso. Viro a cabeça levemente para a direita e no canto periférico da minha visão, um objeto me chama a atenção da mesma forma que a bolsa da mulher.

Com as palmas das mãos suando e pinicando, analiso uma estante de Mogno expondo em suas prateleiras livros velhos, telefones antigos, rádios de uma época que não sei nominar até finalmente encontrá-lo. Estico as mãos para tocá-lo e paro quando percebo o olhar do velho atento a cada movimento que executo.

— O que é essa coisa cheia de letras e números esquisitos? pergunto como quem não quer nada e aponto para o objeto. Tenho uma vontade arrebatadora de pegá-lo para mim.

Um misto de emoções perpassa no rosto do velho. Surpresa, choque e ceticismo.

Qual é? Eu deveria saber o que é isso?

Sem saber bem o porquê, sinto que preciso desse objeto mais do que qualquer outro que eu já tenha roubado na minha vida! Chega a parecer uma necessidade física e sinto como se houvesse um ímã me atraindo para ele, que parece um relógio, porém cheio de números e letras estranhas, acomodado dentro de uma caixa de madeira com em um travesseiro de veludo vermelho carmesim.

Você consegue ver essa bússola? — ele me pergunta incrédulo.

Esse velho não vende a imagem de maluco, ele  $\acute{e}$  maluco. O cabelo e as roupas largas para um corpo tão magro já eram sinais alarmantes quanto a isso. Agora ele me vem com essa de "se eu consigo ver" esse relógio esquisito? É claro que consigo ver! Está aqui, bem na minha frente, ao alcance das minhas mãos e pulsando para que eu o pegue. Como eu não o veria?

— Isso chama bússola? — Aponto para o objeto.

Percebo uma pequena desaprovação da parte dele devido a minha falta de conhecimento.

Beleza, senhor Einstein — falo para parecer menos burra. —
 Ouanto custa?

Faço um cálculo mental de todas as míseras moedas que carrego comigo, não por questão de escolha, mas por serem as únicas que possuo. Talvez ele aceite os objetos que roubei mais cedo em troca. Por mais que eu tenha vontade de pegar a tal bússola e sair correndo, roubá-la agora está fora de cogitação. Ele perceberia com facilidade sua ausência e colocaria a polícia atrás de mim.

 A senhorita só se interessou pelas únicas relíquias que não estão à venda. Com licença, fique à vontade.
 Não estou tão certa de que ele deseja que eu siga à risca suas palavras.

Pensativo, o velho se afasta e se posiciona atrás da caixa registradora.

Contrariada, pego uma caneta de pena, que aparentemente não tem valor nenhum, capaz que deve até ser pena de pombo, porque duvido da veracidade de qualquer coisa dessa loja, e a coloco junto dos meus outros tesouros.

Refaço o caminho de volta para a minha casa com a sensação de que deixei algo muito importante para trás.

\*

Vou direto para o meu quarto guardar meus objetos do dia. Abro a última gaveta da cômoda e jogo tudo lá dentro junto com minhas conquistas anteriores. Antes de fechá-la, e esconder meu segredo dos meus irmãos, pego a caneta em formato de pena e a aliso.

Minha vontade era mesmo de pegar a bússola. Por mais estranho que pareça, depois de vê-la passei a sentir um vazio como se algo estivesse faltando em mim.

 O que são essas coisas, Isabelle? — Felipe, meu irmão, me pergunta parado no batente da porta olhando para a minha gaveta escancarada.

Juro que posso sentir os traíras murmurando para meu irmão que foram roubados por mim. Mas é apenas meu medo por ter sido pega no flagra falando mais alto.

Com as mãos trêmulas, fecho com força a delatora e me levanto para expulsar meu irmão do meu guarto.

 Não é da sua conta, enxerido. — Tento fechar a porta na cara dele, mas meu irmão é maior e mais forte que eu e consegue me impedir.

Um metro e oitenta e oito de altura, noventa quilos de puro músculo, nenhum pingo de gordura — palavras que ele não cansa de repetir para se gabar para todo o mundo —, contra um metro e sessenta, cinquenta e dois quilos — apenas minha realidade — sou similar a uma pena perto dele. Provavelmente com apenas uma mão ele conseguiria me sustentar no ar. Todas as meninas que conheço são loucas pelo meu irmão. Não consigo ver o que elas enxergam quando olham para ele, músculos e daí? Ah, e o cabelo. Elas sempre mencionam os fios castanhos cortado estilo *Justin Bieber*. Posso afirmar, com convicção, que a visão que tenho dele não é a mesma que a delas. Para mim, ele é um demônio disfarçado com cara de anjo. Nunca vou entender pessoas que se importam mais com aparência do que com conteúdo. Meu irmão é um chato que só sabe falar sobre academia e lutas.

 Onde você conseguiu isso? E com que dinheiro? — Ele me pergunta com suspeita nos olhos.

De todos os meus irmãos o Felipe é o que menos me dou bem. Vivemos em pé de guerra e sempre foi assim desde que me entendo por gente. Ele é o segundo mais velho. Na escala vem primeiro o Kaká, depois ele, Ludi, eu e finalmente Rebeca.

- Não te interessa respondo brusca.
- Legal essa caneta. Felipe se aproxima de mim e por mais que eu tente esconder, ele consegue tomá-la de minhas mãos. — Vou ficar com ela se não me responder.

Grito com meu irmão e tento pegar de volta, mas Felipe é mais rápido e a levanta no alto fora do meu alcance.

O que tá acontecendo aqui?
 Kaká entra no meu quarto.

Ele se parece com o Felipe, porém uma versão nerd. Os dois são da mesma altura, mas Kaká é mais magro, sério e centrado. A única semelhança entre os dois são os traços que puxaram do nosso pai, fora isso eles são opostos um ao outro.

 Vocês estão brigando de novo? — Ludi pergunta em seu encalço.

Os dois se posicionam entre mim e Felipe em uma tentativa de impedir mais uma das nossas inúmeras brigas.

- A Isabelle roubou essa caneta.
  Felipe mostra o objeto como uma criança dedurando o irmão mais novo para os pais.
  Nossa irmã é uma ladra mesmo depois das conversas que nosso pai sempre teve com a gente sobre roubar.
  Suas palavras são direcionadas para o Kaká, mas a ideia é me provocar.
- Mentira! falo um pouco esganiçada, o que me trai. Eu nunca fico nervosa, e Kaká passa a me olhar com desconfiança.
- Abre a última gaveta da cômoda dela então. Se estou mentindo, ela vai saber dizer como conseguiu aquilo tudo.

Infeliz!

Tenho vontade de gritar e dar um chute bem dado no saco dele, mas isso faria mais mal do que bem. Por isso tento ludibriar meus irmãos:

 — Qual é gente, estamos falando do Felipe, quando a gente dá moral para as coisas que ele fala de mim? — Tento apelar para o fato do Felipe sempre fazer de tudo para implicar comigo.

Kaká fica em dúvida, olhando de mim para ele. Tento relaxar os ombros para não demonstrar o nervosismo que sinto. Posso apostar que dessa vez meu irmão mais velho não está muito inclinado a tomar meu partido em nossas brigas, como de costume.

Com medo de sua decisão, falo na tentativa de esconder meu nervosismo:

— Alôôô! — Estalo meus dedos. — Felipe tá inventando isso só porque eu disse para a garota que ele tá afim que é normal ele ficar mais de três dias sem tomar banho. Ah! E também que acontece muito dele ter que dormir com os pés para fora da cama para não sujar os lençóis.

Graças a Deus consigo desviar a atenção dos meus irmãos!

- Isabelle! Ludi me repreende só para disfarçar, porque vejo que está se divertindo por dentro.
- Você fez o quê, sua maluca? Felipe grita. Cara, não acredito, Isabelle! Se for verdade, eu vou te matar, garota! — Abro um sorriso de provocação e ele tenta avançar sobre mim, mas Kaká o intercede rapidamente.
- Uma pena, porque ela também tava caidinha por você, mas torceu o nariz a cada coisa nojenta que eu contava que você fazia. Sinto muito, irmãozinho, mas aquela ali já era. De nada! Falo sorrindo escancaradamente.

## Sucesso!

Com minha mentira todos desviam a atenção da tal caneta para o Felipe. Pelo visto vou ter que fazer disso uma verdade o quanto antes para ninguém desconfiar.

 — Quando vocês dois irão crescer? — Kaká pergunta para ninguém em específico, e sem esperar de fato uma resposta. Ele solta o ar pelo nariz e seus ombros caem cansados de sempre ter que controlar os irmãos mais novos.

Dou uma piscadinha para minha cúmplice, que tapa a boca com as mãos em uma tentativa de esconder o sorriso. Ludi sempre se diverte com as travessuras que apronto com o Felipe. É tão divertido tirar meu irmão do sério! Ele não faz ideia, ou não apelaria com tanta frequência oferecendo um estímulo para eu sempre me reinventar.

Pelo menos consegui me safar dos meus roubos.

Indignado, Felipe passa pelo Kaká e a Ludi e caminha diretamente até minha cômoda.

Apavorada, dou um passo para o lado e tento barrar o caminho do meu irmão.

 Calma aí! Eu não entro no seu quarto e muito menos mexo nas suas coisas.
 Por mais que eu tente, não sou capaz de impedir o Felipe com meu corpo. — Kaká? — Apelo para o bom senso do único irmão capaz de frear qualquer um de nós. Felipe não dá ouvidos a ninguém e me empurra para o lado. Kaká me segura brigando com ele pela grosseria e mandando que respeite minha privacidade, mas estanca ao ver todos os objetos que roubei durante toda minha vida expostos como provas dos meus crimes.

Tenho vontade de negar e dizer que não sei como foram parar lá, mas sei que pioraria minha situação, então fico calada.

— Falei! Ladrazinha. — Felipe rosna para mim. — Quem tá sorrindo agora?

O meu sorriso e o de Ludi somem instantaneamente. Ela solta uma exclamação de choque quando vê todos os objetos que roubei exibidos como troféus para todo mundo contemplar.

Nós temos um acordo silencioso de não bisbilhotar as coisas uma da outra. Ela nunca abriu essa gaveta, da mesma forma que eu nem trisco na penteadeira dela.

Isa... – Ludi me chama, mas não consegue terminar a fala.
 Não sei o que ela pensava, já que sabia o que eu fazia!

— Por que isso, Isabelle? — Kaká pergunta e me afasta como se de repente eu transmitisse uma doença contagiosa. Meu irmão mais velho se aproxima da gaveta e revira todos meus objetos. Sinto meu estômago embrulhar e um pouco de náusea. Não sei dizer se tenho medo da reprovação estampada no rosto de cada um deles ou um incômodo por ter minhas coisas reviradas sem nenhum pingo de cuidado. — Sei que a situação não tá fácil desde que nosso pai morreu, mas eu tento fazer o meu melhor aqui por vocês. Remédios. Nós temos remédios em casa! — Ele joga as cartelas com raiva no chão aos meus pés.

Sei que temos remédios em casa, mas estava tão fácil! Era quase uma afronta à minha pessoa eles dando sopa bem na prateleira perto da porta. Não consegui resistir ao impulso de roubálos. Nem se eu balançasse o remédio na frente da cara da moça do caixa ela teria reparado. E — eu poderia dizer isso ao Kaká, se não

fosse impossível discutir com ele — mas, qual é? Remédio em casa nunca é demais! Às vezes dá uma dor de cabeça e lá está o bendito.

Kaká joga tudo no chão e pergunta por cada coisa que eu sei bem o que me fez querer roubar, mas qualquer uma das minhas razões só vai servir para ele ficar com mais raiva ainda. Por isso decido continuar calada e ser julgada em silêncio. Deixo que ele extrapole sua raiva e pense o pior de mim.

Ludi fica pasma e não consegue reagir direito, apenas encara cada objeto que furtei e que agora estalam no chão em uma sequência de baques, fazendo uma ligação direta com cada solavanco do meu coração. Já o Felipe fica com um sorriso de satisfação enorme estampado no rosto.

- Isa, você roubou isso tudo? Depois que Kaká jogou metade dos meus roubos no chão, Ludi consegue finalmente formular uma frase completa.
- Você sabia, Ludi, não vem agora dar uma de desentendida cruzo os braços com raiva. Eu nunca fico acuada. Nunca!
- E-eu... ela gagueja quando Kaká estava prestes a atirar uma agenda antiga, nunca usada, mas parou o movimento no ar para olhar para ela com reprovação.
- Eu sabia que ela pegava uma coisa ou outra, mas não pensei que era nesse nível. Minha irmã se justifica para ele. Kaká fica mais possesso e a agenda atravessa voando, em um rodopio espetacular, pelo quarto. Reprimo a vontade de me abaixar com o barulho do choque entre ela e a porta do guarda-roupa que divido com a Ludi.
- Mas isso tudo Isa... Por quê? Ela se volta para mim e sua voz sai um fiapinho. Pra quê? Você quer acabar igual aos moleques aqui do bairro? Presa e entranhada no mundo do crime até o pescoço? Recebendo ordens de traficantes? Nós somos pobres, mas não justifica fazer isso...
- Somos pobres. É errado e *blá, blá, blá*. A remendo. Ludi se cala e sustento o peso do corpo em uma única perna. Decorei seu

discurso. Sou capaz de recitar de trás pra frente. — Ela só balança a cabeça em reprovação e não discute mais.

Esperava que me rebatesse e me olhasse com raiva, era essa a sua atitude costumeira quando descobria algo que eu havia roubado. Só que, dessa vez, minha irmã não age assim e compreendo com seu silêncio que ela desistiu de mim. De tudo o que aconteceu até agora, é isso que me machuca.

- Ludi... chamo seu nome e me desarmo, mas ela n\u00e3o me
  olha mais nos olhos e sai do quarto.
  - Ludi! Tento ir atrás dela, mas Felipe barra meu caminho.
- Isabelle, não sou nosso pai, mas sou o irmão mais velho e o responsável pela casa, portanto, por você também Kaká fala ignorando o novo duelo entre mim e o Felipe. Você tá de castigo. Junte tudo isso agora mesmo e jogue fora no lixo. A partir de segunda-feira quero você todos os dias depois da aula me ajudando com as crianças da creche. Não tem discussão.

Levo uma eternidade, de propósito, para pegar meus objetos roubados e colocar dentro de um saco preto. Kaká não sai de cima de mim com medo de que eu esconda alguma coisa. Ingênuo! Consigo roubar até mesmo com um policial ao meu lado, quem dirá sob o olhar de ira dele.

O clima na nossa casa fica pesado e ninguém conversa com ninguém. Rebeca não entende o que está acontecendo e fica perdida, sem rumo.

Coitada! Uma criança não deveria ser assim. O normal seria ela estar lá fora, brincando com as amiguinhas. Não aqui dentro, preocupada com o que está acontecendo entre os irmãos mais velhos.

Sinto pena dela, de todos nós e da nossa realidade. Do meu irmão mais velho, que foi obrigado a abrir mão de trilhar seu próprio caminho, porque se tornou o responsável pelos outros irmãos mais novos. Até mesmo do Felipe. Nós somos como cão e gato, mas não posso negar que meu irmão também é um apoio importante na nossa

família. E da Ludi... Pobre, Ludi! Sempre tão amorosa e carinhosa vivendo em uma realidade que destoa da sua personalidade.

Não existe uma pessoa sequer que conheça minha irmã e não se apaixone imediatamente por ela. Tanto por sua beleza, quanto por seu carisma.

Não me recordo muito bem da nossa mãe. Ela morreu pouco tempo depois que a Rebeca nasceu. Mas do pouco que me lembro, a Ludi é muito parecida com ela. Cabelo preto, que desce até a altura dos quadris em uma cascata de ondas definidas e sedosas. A pele clara, maçã do rosto alta e rosada naturalmente, olhos castanhos cor de avelã. Minha irmã é uma joia rara entre os destroços da nossa realidade... da nossa favela.

O oposto de mim. Não sou feia, mas não sou minha irmã. Nem de longe. Em comparação a um conto de fadas, Ludi seria uma princesa digna de usar o diadema que vi na loja do velho — se ele fosse de verdade —, e eu seria uma serviçal, na melhor das hipóteses, bonitinha.

Com muita raiva, jogo fora o saco de lixo com praticamente todos meus objetos roubados dentro. Guardo apenas o batom, que peguei para a Ludi nessa manhã, e a caneta de pena. Sei que é burrice guardar justamente esse objeto, que foi o pivô da nossa briga, mas não consigo me livrar daquela loja. Volta e meia me pego pensando na bússola e em como preciso pegar aquele objeto para mim.

Depois de ser ignorada por todos meus irmãos por horas, resolvo me trancar no quarto que divido com minhas irmãs.

Afofo meu travesseiro, desgastado por anos de uso, e deito no colchão fino marcado com o contorno perfeito do meu corpo. Não sei se faria muita diferença deitar diretamente sobre o estrado. De qualquer forma, fecho os olhos e relembro tudo que aconteceu hoje.

Eu deveria ser esperta e mandar calar minha voz interior, que me manda ir buscar a maldita bússola. Mas parece algo maior que eu. Quase uma necessidade urgente, similar a estar com sede e nenhum outro tipo de bebida, além da água, ser capaz de resolver o problema. Estou nessa situação com a tal bússola. Algo dentro de mim *clama* por ela.

Contrariando a razão, e indo contra todos os meus irmãos, decido que amanhã voltarei naquela loja para fazer uma troca entre a caneta de pena e a bússola.